

# O MERGULHADOR

VINICIUS DE MORAES E PEDRO DE MORAES







**Outra carne virá. A primavera  
É carne, o amor é seiva eterna e forte  
Quando o ser que viveu unir-se à morte  
No mundo uma criança nascerá.**







# O MERGULHADOR

# POEMAS DE VI

**NICIUS DE MORAES**

**FOTOGRAFIAS DE**

**PEDRO DE MORAES**



**A Vera Barreto Leite e Humberto Franceschi**



**O INCRIADO**







Terrível é a dor que lança o poeta prisioneiro à suprema  
miséria  
Terrível é o sono atormentado do homem que suou sacrilè-  
legamente a carne  
Mas boa é a companheira errante que traz o esquecimento  
de um minuto  
Boa é a esquecida que dá o lábio morto ao beijo desesperado.

Onde os cantos longínquos do oceano?... Sôbre a espessura  
verde eu me debruço e busco o infinito  
Ao léu das ondas há cabeleiras abertas como flôres —  
são jovens que o eterno amor surpreendeu  
Nos bosques procuro a seiva úmida mas os troncos estão  
morrendo  
No chão vejo magros corpos enlaçados de onde a poesia  
fugiu como o perfume da flor morta.

Muito forte sou para odiar nada senão a vida  
Muito fraco sou para amar nada mais do que a vida  
A gratuidade está no meu coração e a nostalgia dos dias  
me aniquila  
Porque eu nada serei como ódio e como amor se eu nada  
conto e nada valho.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não teve a sua alma e  
semelhança  
Eu sou o que surgiu da terra e a quem não coube outra  
dor senão a terra  
Eu sou a carne louca que freme ante a adolescência  
impúbere e explode sôbre a imagem criada  
Eu sou o demônio do bem e o destinado do mal mas eu  
nada sou.

De nada vale ao homem a pura compreensão de tôdas as  
coisas  
Se êle tem algemas que o impedem de levantar os braços  
para o alto  
De nada valem ao homem os bons sentimentos se êle  
descansa nos sentimentos maus  
No teu puríssimo regaço eu nunca estarei, Senhora...

Choram as árvores na espantosa noite, curvadas sôbre  
mim, me olhando...  
Eu caminhando... sôbre o meu corpo as árvores passando...  
Quem morreu se estou vivo, por que choram as árvores?  
Dentro de mim tudo está imóvel, mas eu estou vivo, eu  
sei que estou vivo porque soffro.

18

Se alguém não devia soffrer eu não devia, mas soffro e é  
tudo o mesmo  
Eu tenho o desvêlo e a bênção, mas soffro como um  
desesperado e nada posso  
Soffro a pureza impossível, soffro o amor pequenino dos  
olhos e das mãos  
Soffro porque a náusea dos seios gastos está amargurando  
a minha bôca.

Não quero a espôsa que eu violaria nem o filho que  
ergueria a mão sôbre o meu rosto  
Nada quero porque eu deixo traços de lágrimas por onde  
passo  
Quisera apenas que todos me desprezassem pela minha  
fraqueza  
Mas, pelo amor de Deus, não me deixeis nunca sòzinho!





# **SONETO DE FIDELIDADE**



De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zêlo, e sêmpre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dêle se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, pôsto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.



# **SONÊTO DO MAIOR AMOR**



Maior amor nem mais estranho existe  
Que o meu, que não sossega a coisa amada  
E quando a sente alegre, fica triste  
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste  
O amado coração, e que se agrada  
Mais da eterna aventura em que persiste  
Que de uma vida mal-aventurada.

Louco amor meu que quando toca, fere  
E quando fere vibra, mas prefere  
Ferir a fenecer — e vive a êsmo

Fiel à sua lei de cada instante  
Desassombrado, doido, delirante  
Numa paixão de tudo e de si mesmo.



# A HORA ÍNTIMA



Quem pagará o entêro e as flôres  
Se eu me morrer de amôres?  
Quem, dentre amigos, tão amigo  
Para estar no caixão cômigo?  
Quem, em meio ao funeral  
Dirá de mim: — Nunca fêz mal...  
Quem, bêbado, chorará em voz alta  
De não me ter trazido nada?  
Quem virá despetalar pétalas  
No meu túmulo de poeta?  
Quem jogará tímidamente  
Na terra um grão de semente?  
Quem elevará o olhar covarde  
Até a estrêla da tarde?  
Quem me dirá palavras mágicas  
Capazes de empalidecer o mármore?  
Quem, oculta em véus escuros  
Se crucificará nos muros?  
Quem, macerada de desgosto  
Sorrirá: — Rei morto, rei pôsto...  
Quantas, debruçadas sôbre o bátratro  
Sentirão as dôres do parto?

Qual a que, branca de receio  
Tocará o botão do seio?  
Quem, louca, se jogará de bruços  
A soluçar tantos soluços  
Que há de despertar receios?  
Quantos, os maxilares contraídos  
O sangue a pulsar nas cicatrizes  
Dirão: — Foi um doido amigo...  
Quem, criança, olhando a terra  
Ao ver movimentar-se um verme  
Observará um ar de critério?  
Quem, em circunstância oficial  
Há de propor meu pedestal?  
Quais os que, vindos da montanha  
Terão circunspeção tamanha  
Que eu hei de rir branco de cal?  
Qual a que, o rosto sulcado de vento  
Lançará um punhado de sal  
Na minha cova de cimento?

Quem cantará canções de amigo  
No dia do meu funeral?  
Qual a que não estará presente  
Por motivo circunstancial?  
Quem cravará no seio duro  
Uma lâmina enferrujada?  
Quem, em seu verbo inconsútil  
Há de orar: — Deus o tenha em sua guarda...  
Qual o amigo que a sós consigo  
Pensará: — Não há de ser nada...  
Quem será a estranha figura  
A um tronco de árvore encostada  
Com um olhar frio e um ar de dúvida?  
Quem se abraçará comigo  
Que terá de ser arrancada?

Quem vai pagar o entêrro e as flôres  
Se eu me morrer de amôres?



**AUSÊNCIA**







# **A MORTE DE MADRUGADA**



«Muerto cayó Federico»

ANTÔNIO MACHADO

Uma certa madrugada  
Eu por um caminho andava  
Não sei bem se estava bêbado  
Ou se tinha a morte n'alma  
Não sei também se o caminho  
Me perdia ou encaminhava  
Só sei que a sede queimava-me  
A bôca desidratada.

Era uma terra estrangeira  
Que me recordava algo  
Com sua argila côm de sangue  
E seu ar desesperado.  
Lembro que havia uma estrêla  
Morrendo no céu vazio...  
De uma outra coisa me lembro:  
... Un horizonte de perros  
Ladra muy lejos, del río...

De repente reconheço:  
Eram campos de Granada!  
Estava em terras de Espanha  
Em sua terra ensangüentada  
Por que estranha providência  
Não sei... não sabia nada...  
Só sei da nuvem de pó  
Caminhando sôbre a estrada  
E um duro passo de marcha  
Que em meu sentido avançava.

Como uma mancha de sangue  
Abria-se a madrugada  
Enquanto a estrêla morria  
Numa tremura de lágrima.  
Sôbre as colinas vermelhas  
Os galhos também choravam  
Aumentando a fria angústia  
Que de mim transverberava.

Era um grupo de soldados  
Que pela estrada marchava  
Trazendo fuzis ao ombro  
E impiedade na cara  
Entre êles andava um môço  
De face morena e cálida  
Cabelos soltos ao vento  
Camisa desabotoada.  
Diante de um velho muro  
O tenente gritou: Alto!  
E à frente conduz o môço  
De fisionomia pálida.  
Sem ser visto me aproximo  
Daquela cena macabra  
Ao tempo em que o pelotão  
Se dispunha horizontal.

Súbito um raio de sol  
Ao môço ilumina a face  
E eu à bôca levo as mãos  
Para evitar que gritasse.  
Era êle, era Federico  
O poeta meu muito amado  
A um muro de pedra-sêca  
Colado, como um fantasma.  
Chamei-o: Garcia Lorca!  
Mas já não ouvia nada  
O horror da morte imatura  
Sôbre a expressão estampada...

Mas que me via, me via  
Porque em seus olhos havia  
Uma luz mal-disfarçada.

Com o peito de dor rompido  
Me quedei paralisado  
Enquanto os soldados miram  
A cabeça delicada.  
Assim vi a Federico  
Entre dois canos de arma  
A fitar-me estranhamente  
Como querendo falar-me.  
Hoje sei que teve mêdo  
Diante do inesperado  
E foi maior seu martírio  
Do que a tortura da carne  
Hoje sei que teve mêdo  
Mas sei que não foi covarde  
Pela curiosa maneira  
Com que de longe me olhava  
Como quem me diz: a morte  
É sempre desagradável  
Mas antes morrer ciente  
Do que viver enganado.

Atiraram-lhe na cara  
Os vendilhões de sua pátria  
Nos seus olhos andaluzes  
Em sua bôca de palavras.  
Muerto cayó Federico  
Sôbre a terra de Granada  
La tierra del inocente  
No la tierra del culpable.  
Nos olhos que tinha abertos  
Numa infinita mirada  
Em meio a flôres de sangue  
A expressão se conservava  
Como a segredar-me: a morte  
É simples, de madrugada...



**VALSA À MULHER DO POVO**



### Oferenda

Ó minha amiga da face múltipla  
Do corpo periódico e geral!  
Lúdica, efêmera, inconsútil  
Musa central-ferroviária!  
Possa esta valsa lenta e súbita  
Levemente copacabanal  
Fazer brotar do povo à flux  
A tua imagem abruptamente  
Ó antideusa!

### Valsa

Te encontrarei na barca Cubango, nas amplas salas da Cubango  
Vestida de tangolomango  
Te encontrarei!  
Te encontrarei nas brancas praias, pelas pudendas, brancas praias  
Itinerante de gandaias  
Te encontrarei. Te encontrarei nas feiras-livres  
Entre moringas e vassouras, emoldurada de cenouras  
Te encontrarei. Te encontrarei tarde na rua  
De rosto triste como a lua, passando longe como a lua  
Te encontrarei. Te encontrarei, te encontrarei  
Nos longos footings suburbanos tecendo os sonhos mais humanos  
Capaz de todos os enganos  
Te encontrarei. Te encontrarei nos cais noturnos  
Junto a marítimos soturnos, sombra de becos taciturnos  
Te encontrarei. Te encontrarei, ó mariposa  
Ó taxi-girl, ó virginette, pregada aos homens a alfinête  
De corpo saxe e clarinete  
Te encontrarei. Ó pulcra, ó pálida, ó pudica  
Ó grã-cupincha, ó nova-rica  
Que nunca sais da minha dica: sim, eu irei  
Ao teu encontro onde estiveres  
Pois que assim querem os malmequeres  
Porque és tu santa entre as mulheres  
Te encontrarei!



# **SONÊTO DO AMOR TOTAL**



Amo-te tanto, meu amor... não cante  
O humano coração com mais verdade...  
Amo-te como amigo e como amante  
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante  
E te amo além, presente na saudade  
Amo-te, enfim, com grande liberdade  
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde  
É que um dia em teu corpo, de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude.

**SONÊTO**

**DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS**



Por sêres quem me fôste, grave e pura  
Em tão doce surprêsa conquistada  
Por sêres uma branca criatura  
De uma brancura de manhã raiada

Por sêres de uma rara formosura  
Malgrado a vida dura e atormentada  
Por sêres mais que a simples aventura  
E menos que a constante namorada

Porque te vi nascer, de mim sòzinha  
Como a noturna flor desabrochada  
A uma fala de amor, talvez perjura

Por não te possuir, tendo-te minha  
Por só querereres tudo, e eu dar-te nada  
Hei de lembrar-te sempre com ternura.



# **BALADA DO MANGUE**



Pobres flôres gonocólicas  
Que à noite despetalais  
As vossas pétalas tóxicas!  
Pobres de vós, pensas, murchas  
Orquídeas do despudor  
Não sois Loelia tenebrosa  
Nem sois Vanda tricolor:  
Sois frágeis, desmilingüidas  
Dálias cortadas ao pé  
Corolas descoloridas  
Enclausuradas sem fé.  
Ah, jovens putas das tardes  
O que vos aconteceu  
Para assim envenenardes  
O pólen que Deus vos deu?  
No entanto crispais sorrisos  
Em vossas jaulas acesas  
Mostrando o rubro das prêsas  
Falando coisas do amor  
E às vêzes cantais uivando  
Como cadelas à lua  
Que em vossa rua sem nome  
Rola perdida no céu...

Mas que brilho mau de estrêla  
Em vossos olhos lilases  
Percebo quando, falazes  
Fazeis rapazes entrar!  
Sinto então nos vossos sexos  
Formarem-se imediatos  
Os venenos putrefatos  
Com que os envenenar:  
Oh, misericordiosas!  
Glabras, glúteas caftinas  
Embebidas em jasmim  
Jogando cantos felizes  
Em perspectivas sem fim...  
Cantais, maternais hienas  
Canções de caftinizar  
Gordas polacas serenas  
Sempre prestes a chorar.  
Como sofreis, que silêncio  
Não deve gritar em vós  
Êsse imenso, atroz silêncio  
Dos santos e dos heróis!  
E o contraponto de vozes  
Com que ampliais o mistério  
Como é semelhante às luzes

Votivas de um cemitério  
Esculpido de memórias!  
Pobres, trágicas mulheres  
Multidimensionais  
Ponto-morto de choferes  
Passadiço de navais!  
Louras mulatas francesas  
Vestidas de carnaval:  
Viveis a festa das flôres  
Pelo convés dessas ruas  
Ancoradas no canal?  
Para onde irão vossos cantos  
Para onde irá vossa nau?  
Por que vos deixais imóveis  
Alérgicas sensitivas  
Nos jardins dêsse hospital  
Etílico e heliotrópico?  
Por que não vos trucidais  
Ó inimigas? ou bem  
Não ateais fogo às vestes  
E vos lançais como tochas  
Contra êsses homens de nada  
Nessa terra de ninguém!

**BALADA DAS D**

**UAS MOCINHAS DE BOTAFOGO**



Eram duas menininhas  
Filhas de boa família:  
Uma chamada Marina  
A outra chamada Marília.  
Os dezoito da primeira  
Eram brejeiros e finos  
Os vinte da irmã cabiam  
Numa mulher pequenina.  
Sem terem nada de feias  
Não chegavam a ser bonitas  
Mas eram meninas-môças  
De pele fresca e macia.  
O nome ilustre que tinham  
De um pai desaparecido  
Nelas deixara a evidência  
De tempos mais bem vividos.  
A mãe pertencia à classe  
Das largadas de marido:  
Seus oito lustros de vida  
Davam impressão de mais cinco.  
Sofria muito de asma  
E da desgraça das filhas  
Que, pôsto boas meninas  
Eram tão desprotegidas  
E por total abandono  
Davam mais do que galinhas.

Casa de porta e janela  
Era a sua moradia  
E dentro da casa, aquela  
Mãe pobre, e melancolia...  
Quando à noite as menininhas  
Se aprontavam pra sair  
A loba materna uivava  
Suas torpes profecias.  
De fato, deve ser triste  
Ter duas filhas assim  
Que nada tendo a ofertar  
Em troca de uma saída  
Dão tudo o que têm aos homens:  
A mão, o sexo, o ouvido  
E até mesmo, quando instadas  
Outras flôres do organismo.

Foi assim que se espalhou  
A fama das menininhas  
Através do que êsse disse  
E do que aquêle diria.

Quando a um grupo de rapazes  
 A noite não era madrinha  
 E a caça de mulher grátis  
 Resultava-lhes maninha  
 Um dêles qualquer lembrava  
 De Marília e de Marina  
 E um telefone soava  
 De um constante toque cínico  
 No útero de uma mãe  
 E suas duas filhinhas.

Oh, vida tôrva e mesquinha  
 A de Marília e Marina  
 Vida de porta e janela  
 Sem amor e sem comida  
 Vida de arroz requentado  
 E média com pão dormido  
 Vida de sola furada  
 E cotovêlo puído  
 Com seios moços no corpo  
 E na mente sonhos idos!

Marília perdera o seu  
 Nos dedos de um caixeirinho  
 Que o que dava em coca-cola  
 Cobrava em rude carinho.  
 Com quatorze apenas feitos  
 Marina não era mais virgem  
 Abrira os prados do ventre  
 A um treinador pervertido.  
 Embora as lutas do sexo  
 Não deixem marcas visíveis  
 Tirante as flôres lilases  
 Do sadismo e da sevícia  
 Às vêzes deixam no amplexo  
 Uma grande náusea íntima  
 E transformam o que é de gôsto  
 Num desgôsto incoercível.

E era êsse bem o caso  
 De Marina e de Marília  
 Quando sòzinhas em casa  
 Não tinham com quem sair.  
 Ficavam olhando paradas  
 As paredes carcomidas  
 Mascando bolas de chicles  
 Bebendo água de moringa.  
 Que abismos de desconôlo  
 Ante seus olhos se abriam  
 Ao ouvirem a asma materna  
 Silvar no quarto vizinho!  
 Os monstros da solidão

Uivavam no seu vazio  
E elas então se abraçavam  
Se beijavam e se mordiam  
Imitando coisas vistas  
Coisas vistas e vividas  
E enchendo as frondes da noite  
De pipilares tardios.

Ah, se o sêmen de um minuto  
Fecundasse as menininhas  
E nelas crescessem ventres  
Mais do que a tristeza íntima!  
Talvez de nôvo o mistério  
Morasse em seus olhos findos  
E nos seus lábios inconhos  
Enflorescessem sorrisos.  
Talvez a face dos hōmens  
Se fizesse, de maligna  
Na doce máscara pensa  
Do seu sonho de meninas!

Mas tal não fōsse o destino  
De Marília e de Marina.  
Um dia, que a noite trouxe  
Coberto de cinzas frias  
Como sempre acontecia  
Quando se achavam sòzinhas  
No velho sofá da sala  
Brincaram-se as menininhas.  
Depois se olharam nos olhos  
Nos seus pobres olhos findos  
Marina apagou a luz  
Deram-se as mãos, foram indo  
Pela rua transversal  
Cheia de negros baldios.  
Às vêzes pela calçada  
Brincavam de amarelinha  
Como faziam no tempo  
Da casa dos tempos idos.  
Diante do cemitério  
Já nada mais se diziam.  
Vinha um bonde a nove-pontos...  
Marina puxou Marília  
E diante do semovente  
Crescendo em luzes aflitas  
Num desesperado abraço  
Postaram-se as menininhas.

Foi um só grito e o ruído  
Da freada sôbre os trilhos  
E por tôda a parte o sangue  
De Marília e de Marina.



# **OS HOMENS DA TERRA**



Senhores Barões de Terra  
Preparai vossa mortalha  
Porque desfrutais da terra  
E a terra é de quem trabalha.  
A terra é de quem trabalha  
Bem como os frutos que encerra  
Senhores Barões de Terra  
Preparai vossa mortalha.  
Chegado é o tempo de guerra  
Não há santo que vos valha:  
Não a foice contra a espada  
Não o fogo contra a pedra  
Não o fuzil contra a enxada:  
— União contra granada!  
— Reforma contra metralha!

Senhores Donos da Terra  
Juntai vossa rica tralha  
Vosso cristal, vossa prata  
Luzindo em vossa toalha.  
Juntai vossos ricos trapos  
Senhores donos de terra  
Que os nossos pobres farrapos  
Nossa juta e nossa palha  
Vêm vindo pelo caminho  
Para manchar vosso linho  
Com o barro da nossa guerra:  
E a nossa guerra não falha!

Nossa guerra forja e funde  
O operário e o camponês:  
Foi êle quem fêz o forno  
Onde assa o pão que comeis.  
Com seu martelo e seu tórno  
Sua lima e sua torquês  
Foi êle quem fêz o forno  
Onde assa o pão que comeis...  
Nosso pão de cada dia  
Feito em vossa padaria  
Com o trigo que não colheis  
Nosso pão que forja e funde  
O camponês e o operário  
No forno onde coze o trigo  
Para o pão que nos vendeis  
Nas vendas do latifúndio  
Senhor latifundiário!

Senhor Grileiro de Terra  
É chegada a vossa vez  
A voz que ouvis e que berra  
É o brado do camponês  
Clamando do seu calvário  
Contra a vossa mesquinhez.  
O café vos deu o ouro  
Com que encheis vosso tesouro  
A cana vos deu a prata  
Que reluz em vosso armário  
O cacau vos deu o cobre  
Que atirais no chão do pobre  
O algodão vos deu o chumbo  
Com que matais o operário:  
É chegada a vossa vez  
Senhor latifundiário!

Em tôda parte, nos campos  
Junta-se à nossa outra voz  
Escutai, Senhor dos campos  
Nós já não somos mais sós.  
Queremos bonança e paz  
Para cuidar da lavoura  
Ceifar o capim que dá  
Colhêr o milho que doura.  
Queremos que a terra possa  
Ser tão nossa quanto vossa  
Porque a terra não tem dono  
Senhores Donos de Terra.  
Queremos plantar no outono  
Para ter na primavera  
Amor em vez de abandono  
Fartura em vez de miséria.

Queremos paz, não a guerra  
Senhores Donos de Terra...  
Mas se ouvidos não prestais  
Às grandes vozes gerais  
Que ecoam de serra em serra  
Então vos daremos guerra  
Não há santo que vos valha...  
Não a foice contra a espada  
Não o fogo contra a pedra  
Não o fuzil contra a enxada:  
— Granada contra granada!  
— Metralha contra metralha!

E a nossa guerra é sagrada  
A nossa guerra não falha!



# **O MERGULHADOR**



«E il naufragar m'è dolce in questo mare.»

LEOPARDI

Como, dentro do mar, libérrimos, os polvos  
No líquido luar tateiam a coisa a vir  
Assim, dentro do ar, meus lentos dedos loucos  
Passeiam no teu corpo a te buscar-te a ti.

És a princípio doce plasma submarino  
Flutuando ao sabor de súbitas correntes  
Frias e quentes, substância estranha e íntima  
De teor irreal e tato transparente.

Depois teu seio é a infância, duna mansa  
Cheia de alísios, marco espectral do istmo  
Onde, a nudez vestida só de lua branca  
Eu ia mergulhar minha face já triste.

Nêle soterro a mão como a cravei criança  
Noutro seio de que me lembro, também pleno...  
Mas não sei... o ímpeto dêste é doido e espanta  
O outro me dava vida, êste me mete medo.

Toco uma a uma as doces glândulas em feixes  
Com a sensação que tinha ao mergulhar os dedos  
Na massa cintilante e convulsa de peixes  
Retiradas ao mar nas grandes rêdes pensas.

E ponho-me a cismar... — mulher, como te expandes!  
Que imensa és tu! maior que o mar, maior que a infância!  
De coordenadas tais e horizontes tão grandes  
Que assim imersa em amor és uma Atlântida!

Vem-me a vontade de matar em ti tôda a poesia  
Tenho-te em garra; olhas-me apenas; e ouço  
No tato acelerar-se-me o sangue, na arritmia  
Que faz meu corpo vil querer teu corpo môço.

E te amo, e te amo, e te amo, e te amo  
Como o bicho feroz ama, a morder, a fêmea  
Como o mar ao penhasco onde se atira insano  
E onde a bramir se aplaca e a que retorna sempre.

Tenho-te e dou-me a ti válido e indissolúvel  
Buscando a cada vez, entre tudo o que enerva  
O imo do teu ser, o vórtice absoluto  
Onde possa colhêr a grande flor da treva.

Amo-te os longos pés, ainda infantis e lentos  
Na tua criação; amo-te as hastes tenras  
Que sobem em suaves espirais adolescentes  
E infinitas, de toque exato e frêmito.

Amo-te os braços juvenis que abraçam  
Confiantes meu criminoso desvario  
E as desveladas mãos, as mãos multiplicantes  
Que em cardume acompanham o meu nadar sombrio.

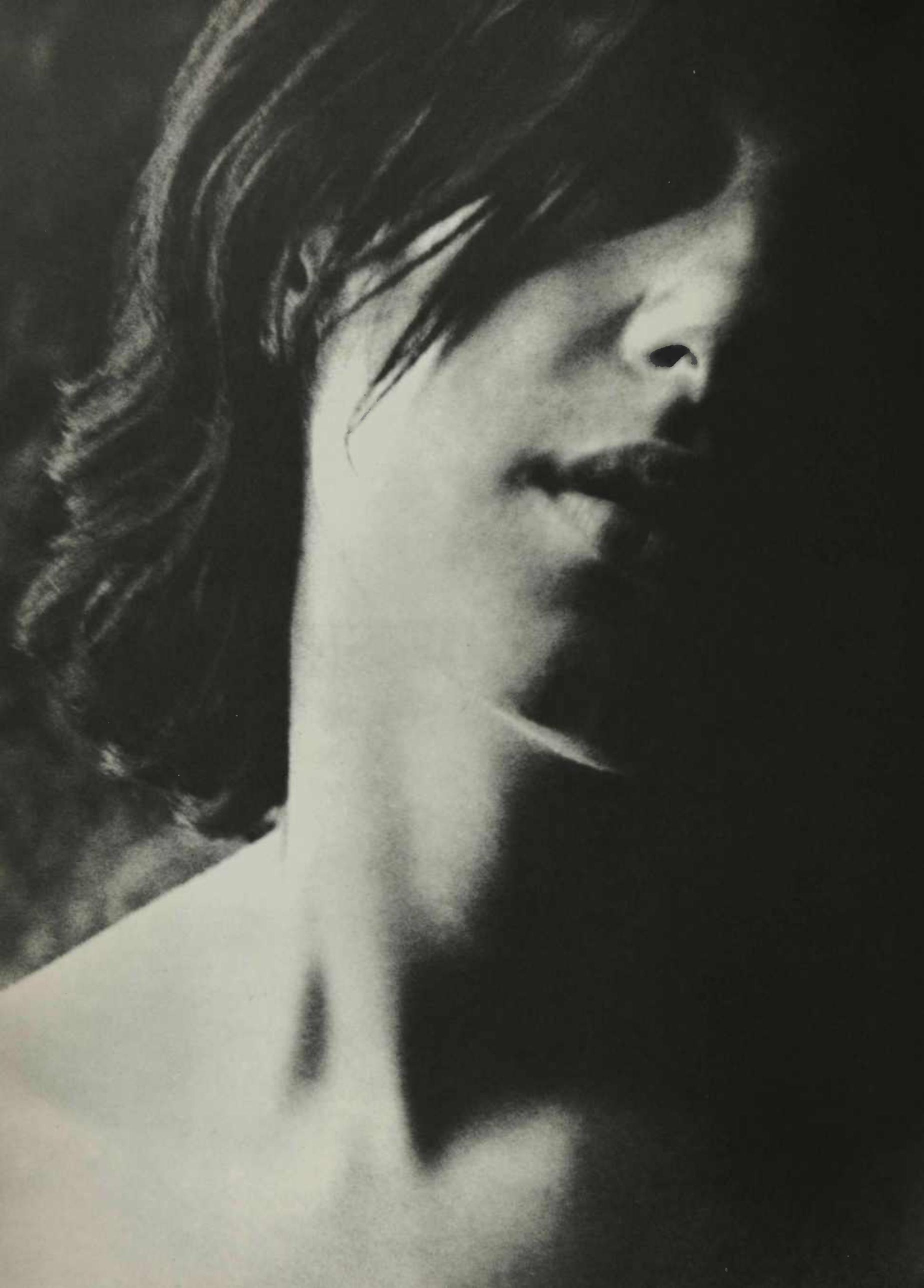
Amo-te o colo pleno, onda de pluma e âmbar  
Onda lenta e sòzinha onde se exaure o mar  
E onde é bom mergulhar até romper-me o sangue  
E me afogar de amor e chorar e chorar.

Amo-te os grandes olhos sôbre-humanos  
Nos quais, mergulhador, sondo a escura voragem  
Na ânsia de descobrir, nos mais fundos arcanos  
Sob o oceano, oceanos; e além, a minha imagem.

Por isso — isso e ainda mais que a poesia não ousa  
Quando depois de muito mar, de muito amor  
Emergindo de ti, ah, que silêncio pousa...  
Ah, que tristeza cai sôbre o mergulhador!



# SONETO DE SEPARAÇÃO



De repente do riso fêz-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bôcas unidas fêz-se a espuma  
E das mãos espalmadas fêz-se o espanto.

De repente da calma fêz-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fêz-se o pressentimento  
E do momento imóvel fêz-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fêz-se de triste o que se fêz amante  
E de sòzinho o que se fêz contente.

Fêz-se do amigo próximo o distante  
Fêz-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.



**PÁTRIA MINHA**



A minha pátria é como se não fôsse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio  
Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:  
Não sei. De fato, não sei  
Como, porque e quando a minha pátria  
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
Vontade de mudar as côres do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias, pátria minha  
Tão pobrinha!

Por que te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
Em contacto com a dor do tempo, eu elemento  
De ligação entre a ação e o pensamento  
Eu fio invisível no espaço de todo o adeus  
Eu, o sem Deus?...

Tenho-te no entanto em mim como um gemido  
De flor; tenho-te como um amor morrido  
A quem se jurou; tenho-te como uma fé  
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito  
Nesta sala estrangeira com lareira  
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra  
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra  
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu.  
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz  
À espera de ver surgir a Cruz do Sul  
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha  
Amada, idolatrada, salve, salve!  
Que mais doce esperança acorrentada  
O não poder dizer-te: aguarda...  
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para  
Rever-te me esqueci de tudo  
Fui cego, estropiado, surdo, mudo  
Vi minha humilde morte cara a cara  
Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
Lábaro não; a minha pátria é desolação  
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta  
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
Que bebe nuvem, come terra  
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um libertas quæ sera tamen  
Que um dia traduzi num exame escrito:  
«Liberta que serás também»  
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
Que brinca em teus cabelos e te alisa  
Pátria minha, e perfuma o teu chão...  
Que vontade me vem de adormecer-me  
Entre teus doces montes, pátria minha  
Atento à fome em tuas entranhas  
E ao batuque em teu coração!

Não te direi o nome, pátria minha  
Teu nome é pátria amada, é pãtriazinha  
Não rima com mãe gentil  
Vives em mim como uma filha, que és  
Uma ilha de ternura: a ilha  
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
Que peça ao sabiá  
Para levar-te presto êste avigrama:  
«Pátria minha, saudades de quem te ama...  
Vinicius de Moraes».



# O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO



**“E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: — Dar-te-ei todo êste poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanaz; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Êle servirás.”**

**L U C A S , Cap. V, versículos 5-8**

Era êle que erguia casas  
Onde antes só havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
Êle subia com as casas  
Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Não sabia, por exemplo  
Que a casa de um homem é um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa que êle fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.

De fato, como podia  
Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos êle empilhava  
Com pá, cimento e esquadria.  
Quanto ao pão, êle o comia.  
Mas fôsse comer tijolo...  
E assim o operário ia  
Com suor e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento  
Além uma igreja, à frente  
Um quartel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Não fôsse eventualmente  
Um operário em construção.

Mas êle desconhecia  
Êsse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
— Garrafa, prato, facão —  
Era êle quem os fazia  
Êle, um humilde operário  
Um operário em construção.  
Olhou em tórno: gamela  
Banco, enxêrga, caldeirão  
Vidro, parede, janela  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia  
Era êle quem o fazia  
Êle, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Não sabereis nunca o quanto  
Aquêle humilde operário  
Soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
Que êle mesmo levantara  
Um mundo nôvo nascia  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua própria mão  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão  
De que não havia no mundo  
Coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
Dêsse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração

E como tudo que cresce  
Ele não cresceu em vão.  
Pois além do que sabia  
— Exercer a profissão —  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato nôvo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.  
E foi assim que o operário  
Do edifício em construção  
Que sempre dizia sim,  
Começou a dizer não.  
E aprendeu a notar coisas  
A que não dava atenção:  
Notou que sua marmitta  
Era o prato do patrão  
Que sua cerveja preta  
Era o uísque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pés andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia  
Era a noite do patrão  
Que sua imensa fadiga  
Era a amiga do patrão.

E o operário disse: “Não!”  
E o operário fêz-se forte  
Na sua resolução.

Como era de se esperar  
As bôcas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação.  
— “Convençam-no” do contrário —  
Disse êle sôbre o operário:  
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se súbito cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu, por destinado  
Sua primeira agressão.  
Teve seu rosto cuspido  
Teve seu braço quebrado  
Mas quando foi perguntado  
O operário disse: “Não!”

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras se seguiram  
Muitas outras seguirão.  
Porém, por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe tôda a região  
E apontando-a ao operário  
Fêz-lhe esta declaração:  
— Dar-te-ei todo êsse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher...  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário  
Que olhava e que refletia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.  
O operário via as casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objetos  
Produtos, manufaturas.  
Via tudo o que fazia  
O lucro do seu patrão  
E em cada coisa que via  
Misteriosamente havia  
A marca de sua mão. .  
E o operário disse: “Não!”

— Loucura! — gritou o patrão  
Não vês o que te dou eu?  
— Mentira! — disse o operário  
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se  
Dentro do seu coração.  
Um silêncio de martírios  
Um silêncio de prisão  
Um silêncio povoado  
De pedidos de perdão  
Um silêncio apavorado  
Com o medo em solidão  
Um silêncio de torturas  
E gritos de maldição  
Um silêncio de fraturas  
A se arrastarem no chão.  
E o operário ouviu a voz  
De todos os seus irmãos  
Os seus irmãos que morreram  
por outros que viverão.  
Uma esperança sincera  
Cresceu no seu coração  
E dentro da tarde mansa  
Agigantou-se a razão  
De um homem pobre e esquecido:  
Razão porém que fizera  
Em operário construído  
O operário em construção.



# ÍNDICE



15	O Incriado
23	Soneto de Fidelidade
27	Soneto do Maior Amor
31	A Hora Íntima
37	Ausência
41	A Morte de Madrugada
47	Valsa à Mulher do Povo
51	Soneto do Amor Total
55	Soneto de Quarta-Feira de Cinzas
59	Balada do Mangue
65	Balada das Duas Mocinhas de Botafogo
71	Os Homens da Terra
77	O Mergulhador
83	Soneto de Separação
87	Pátria Minha
93	O Operário em Construção

**EDIÇÃO DO**

**ATELIER DE ARTE**

**RIO DE JANEIRO**

**SETTEMBRO - 1968**



Aos trinta dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e oito, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, Brasil, deu-se por terminada a feitura deste livro — O MERGULHADOR — poemas de Vinicius de Moraes, ilustrado com fotografias de seu filho Pedro de Moraes. Esta edição foi planejada, composta e impressa nas oficinas do Atelier de Arte, em papel nacional “Westerpost” com marca d’água, tipografia em Bodoni corpos 12, 48 e 60, composição manual, reproduções em offset. Tiragem limitada a 2.000 exemplares, sendo os 50 primeiros exemplares numerados em algarismos romanos de I a L e assinados pelos autores, comportando um manuscrito original e inédito de Vinicius de Moraes; 450 exemplares numerados em algarismos arábicos de 51 a 500 e assinados pelos autores; e finalmente 1.500 exemplares numerados de 501 a 2.000.

Exemplar N.º 993

Copyright by Pedro de Moraes





